

AGRONEGÓCIO

Soja turбина projeção de safra

Nova estimativa aponta para 342,7 milhões de toneladas de grãos produzidos em 2026 — 2,8 milhões a mais do que a previsão anterior

» PEDRO JOSÉ*

A estimativa da safra nacional de cereais, leguminosas e oleaginosas para 2026 alcançou 342,7 milhões de toneladas, segundo o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), divulgado pelo IBGE. O volume representa queda de 1,0% em relação a 2025, quando a produção foi de 346,1 milhões de toneladas, redução de 3,4 milhões de toneladas.

Ao comentar os números, o gerente do LSPA, Carlos Barradas, destacou que a nova projeção coloca a safra perto de alcançar o recorde do ano passado. “A safra brasileira de cereais, leguminosas e oleaginosas de 2026 está aproximando-se do recorde da safra de 2025, estando turbinada pela produção da soja, que é recorde da série histórica do IBGE. Até o momento, as condições climáticas estão beneficiando as lavouras da primeira safra”, afirmou.

Na comparação com a última previsão, feita em dezembro, a safra de 2026 está 0,8% maior, o que equivale a 2,8 milhões de toneladas a mais.

Segundo Barradas, a produção de soja deve atingir novo recorde na série histórica, com 172,5 milhões de toneladas em 2026. O volume é 1,3% superior ao terceiro prognóstico e 3,9% maior que o obtido em 2025. A estimativa indica aumento de 3,4% no rendimento médio anual, alcançando 3.598 kg por hectare, o equivalente a 60 sacas por hectare.

A área cultivada com soja deve chegar a 48,0 milhões de hectares, crescimento de 0,5% no ano, o que representa acréscimo de 222,6 mil hectares. Segundo o IBGE, a oleaginosa deve responder por mais da metade do total de cereais, leguminosas e oleaginosas produzidos no país em 2026.

Divulgação/Emater-DF



A soja apresentou aumento de 3,9% em relação à última estimativa e pode alcançar produção de 172,5 milhões de toneladas, segundo IBGE

Entre os principais estados produtores, Mato Grosso estima produção de 48,5 milhões de toneladas, crescimento de 3,8% em relação ao terceiro prognóstico e recuo de 3,3% frente ao volume colhido em 2025. Goiás deve alcançar 19,1 milhões de toneladas, alta de 2,3% ante o prognóstico anterior e queda de 5,8% na comparação anual, com aumento de 0,5% na área plantada e recuo de 6,3% no rendimento médio.

Mato Grosso do Sul projeta

produção de 15 milhões de toneladas, alta de 14% frente a 2025. O Paraná deve colher 22,2 milhões de toneladas, com crescimento de 0,3% em relação ao terceiro prognóstico e de 3,9% na comparação anual. O Rio Grande do Sul estima produção de 21,2 milhões de toneladas, avanço de 55,4% em relação ao ano anterior, com aumento de 57,5% no rendimento médio e redução de 1,4% na área plantada.

Aroz, milho e soja concentram

92,9% da estimativa total de produção e respondem por 87,5% da área a ser colhida. Em relação a 2025, a soja apresentou aumento de 3,9%, com estimativa de 172,5 milhões de toneladas, seguida pelo feijão, com alta de 0,9%. Houve recuos no algodão herbáceo em caroço (-11%), no arroz em casca (-7,9%), no milho (-5,6%), no sorgo (-13,9%) e no trigo (-1%).

Na área a ser colhida, a soja registra aumento de 0,5%. O milho apresenta crescimento de 2,2%,

com alta de 9,3% no milho da primeira safra e de 0,5% no milho da segunda safra. O trigo tem elevação de 0,9%. Por outro lado, a área do algodão herbáceo recua 6,2%, a do arroz 5,9%, a do feijão 1,4% e a do sorgo 2,9%.

A região Centro-Oeste lidera a produção nacional, com 167,5 milhões de toneladas, o que representa 48,9% do total estimado. Em seguida aparecem Sul, com 95,3 milhões de toneladas (27,8%); Sudeste, com 30,2 milhões de toneladas

(8,8%); Nordeste, com 28,2 milhões de toneladas (8,2%); e Norte, com 21,5 milhões de toneladas (6,3%).

Na comparação anual, a produção apresenta crescimento no Sul (10,4%) e no Nordeste (1,8%). Há recuo no Centro-Oeste (-6,2%), Sudeste (-2,9%) e Norte (-3,7%). Em relação ao mês anterior, houve aumento na Região Sul (0,2%), Norte (0,5%) e Centro-Oeste (1,6%), estabilidade no Sudeste (-0,0%) e queda no Nordeste (-0,4%).

Entre os estados, Mato Grosso permanece como maior produtor nacional de grãos, com participação de 30,3%. Paraná aparece em seguida, com 13,9%, seguido por Rio Grande do Sul (11,8%), Goiás (10,6%), Mato Grosso do Sul (7,6%) e Minas Gerais (5,4%). Juntos, esses seis estados concentram 79,6% da produção estimada para 2026.

Perspectivas favoráveis

Para César Bergo, economista, professor de Mercado Financeiro da UnB e conselheiro de Economia do DF, as perspectivas para a safra de 2026 permanecem favoráveis, mesmo com leve recuo em relação ao ano anterior.

“As previsões para a safra em 2026 são tão positivas quanto 2025. Deve ser um pouco menor no geral, mas não há dúvida de que o Brasil vai continuar sendo o maior produtor de grãos do planeta e o maior exportador”, afirmou. Segundo ele, o cenário internacional contribui para o desempenho do setor. “Favorece essa situação a questão tarifária imposta pelos Estados Unidos, além do aumento de demanda por parte dos chineses”, disse.

O economista também citou a possibilidade de avanço nas exportações com a entrada em vigor do acordo entre Mercosul e União Europeia.

MERCADO FINANCEIRO

Bolsa registra ligeira queda e dólar sobe

O Ibovespa operou em baixa, ontem, após encerrar a sessão anterior em nível recorde. O principal índice da bolsa brasileira recuou 1,02%, aos 187.808 pontos. Na quarta-feira o Ibovespa havia ultrapassado o recorde de 190 mil pontos.

Investidores acompanharam o balanço do quarto trimestre de 2025, divulgado após o fechamento do mercado. Contribuíram para o resultado negativo Raizen (-12,99%), Braskem (-11,27%), CSN (-9,56%) e Magazine Luiza (-8,56%). No lado oposto, Assai (+5,09%) e Ambev (+4,76%), após os resultados do quarto trimestre da fabricante de bebidas.

Banco do Brasil ON observou alta de 4,50% no fechamento, após a conferência sobre os resultados, que ocorreu pela manhã.

No mês, a Bolsa acumula ganho de 3,53%, com avanço de 2,63% no intervalo entre segunda e esta quinta. No ano, o índice sobe 16,53%.

No câmbio, o dólar apresentou ligeira alta, de 0,25%, fechando o dia cotada a R\$ 5,20.

No exterior, dados mais fortes do que o esperado sobre o emprego nos Estados Unidos reduziram as apostas de cortes de juros no curto prazo pelo Federal Reserve. Novos indicadores do mercado de trabalho, incluindo pedidos semanais de auxílio-desemprego, serão divulgados nesta quinta-feira. O índice de preços ao consumidor (CPI) está previsto para sexta-feira.

Em Wall Street, os índices futuros operavam em alta. O Dow Jones Futuro avançava 0,29%, o Nasdaq Futuro subia 0,28% e o S&P 500 Futuro registrava ganho de 0,31%.

Para Davi Lelis, economista e sócio da Valor Investimentos, o movimento desta quinta-feira reflete um ajuste após a sequência de máximas históricas do índice.

“O mercado passa por um movimento de ajuste, de cautela, devolvendo parte dos ganhos de ontem,

B3/Divulgação



Segundo a Datawise , o apetite pela B3 reflete o bom momento do mercado de investimentos do país

após o Ibovespa ter renovado máximas históricas. O tom de hoje é mais de aversão ao risco, e essa aversão é importada, vem do exterior”, afirmou.

Segundo ele, investidores internacionais estão calibrando as expectativas em relação aos juros americanos. “Os investidores lá fora estão mais na defensiva,

justamente na véspera da divulgação do CPI, a inflação dos Estados Unidos. Dados de inflação mais altos fazem com que o mercado segure a expectativa de queda de juros”, disse.

Lelis ressaltou que a manutenção de juros elevados nos Estados Unidos influencia o cenário global. “Se a inflação vem

acima do esperado, o Banco Central americano pode manter os juros mais altos por mais tempo. Essa sinalização funciona como um freio para os mercados globais”, declarou.

O economista acrescentou que o ambiente externo pressiona também o mercado brasileiro. “Com juros americanos mais

altos por mais tempo, cresce a percepção de risco e há um movimento de busca por ativos considerados mais seguros, como os títulos do Tesouro americano. Isso afeta a bolsa e o câmbio no Brasil”, afirmou. (PJ*)

*Estagiário sob a supervisão de Edla Lula

TURISMO

NE lidera expansão do transporte aéreo

O Nordeste foi a região brasileira com a maior expansão no transporte aéreo doméstico na última década, em valores proporcionais. Mais de 39 milhões de passageiros transitaram pelos aeroportos nordestinos em 2025, alta de 11,2% em relação a 2015, segundo levantamento do Ministério de Portos e Aeroportos (MPor), com base em dados da Agência Nacional de Aviação Civil (Anac).

O destaque do período foi o Aeroporto do Recife (PE), que registrou um crescimento de 42% em sua movimentação, assumindo a liderança regional. O terminal da capital pernambucana movimentou 9,2 milhões de passageiros no ano passado (entre origem e destino). Com isso, ultrapassou o de Salvador (BA), líder do ranking em 2015, que contabilizou 7,3 milhões de viajantes em 2025.

“A melhoria na infraestrutura ocorrida nos últimos anos e a retomada da economia são fatores que explicam este crescimento no transporte aéreo brasileiro”, afirma o ministro de Portos e Aeroportos, Silvio Costa Filho. Em 10 anos, o número de cidades atendidas por voos comerciais no Nordeste subiu de 26 para 41, impulsionado pela forte demanda turística, ainda segundo o Ministério de Portos e Aeroportos.

No cenário nacional, houve também crescimento no volume de passageiros no Sudeste (10,7%) e no Sul (1%). Em contrapartida, as regiões Centro-Oeste e Norte apresentaram recuos de 11% e 7%, respectivamente.